

# Linda vida a do pastor...

Peça em 1 acto, para ser repre-  
sentada ao ar livre

## Personagens:

Um pastor

Um poeta

Um camponês

Em plena serra, horizontes  
largos, céu aberto.



Sentado num penhasco, próximo da ca-  
 leana, tipo Beira Alta, Pastor, com o cajado ao la-  
 do, toca uma ária nostálgica numa flau-  
 ta de cana... Suspende... Puxa de uma na-  
 valha e golpeia o instrumento... Volta a to-  
 car... Não satisfeito ainda, pega na navalha  
 e vai para cortar de novo... Tendo lanca-  
 do um olhar em redor, abaixa-se a uma  
 pedra, mete-a numa funda e joga-a à  
 distância, gritando:

É marrana! Sempre aquele dia-  
 nho! Leão!... Avança-lhe uma perna,  
 Leão!

Pronto, larga, Leão!

(Volta a sentar-se, pega na navalha e na  
 flauta... Golpeia novamente... E recomeça a  
 ária interrompida). Entretanto, surge por de-  
 trás do Pastor o Poeta, aproximando-se pre'anti  
 pre', embriagado... Faz alto e esveta estaniado, só  
 fogo... Avança mais uma passo... Pára de no-  
 vo... Tira papel do bolso e escreve febril-  
 mente sobre um hino que tem nas mãos.  
 Mais um passo e, teatralmente, decla-





ma)<sup>m</sup>

"Linda terra quem me deu"

Pastor (Surpreendido, interrompe a atriz e  
lança mão do cajado).

Que foi? O que é que o senhor que  
re?

Poeta (Impulsivo) Oh! Espere! Deixe-me  
acabar este poema... Dediquei-o a  
ti, meu belo pastor! Um momento só (de-  
claro)

"Linda terra quem me deu  
ser também feliz pastor.

Andar à chuva e ao vento,  
sufrem frios e calor.

Ter o pão do dia a dia,  
ter a graça do Senhor!"

Pastor (Barbaque) Dói-lhe alguma coisa?

Poeta (abraçando Pastor, que se esquivou a  
semelhante gesto) Oh! Finalmente,  
finalmente encontrei um ser que me com-  
preende! Oh! Sim! Dói-me!... Aqui (le-  
va a mão ao peito). Um sofrimento inex-



primívet... Muito fundo... No mais interno do meu ser... Mas só nós os poetas, os poetas e os pastores, que também são poetas, é que temos sensibilidade para estas dores... Não culmbas... Aquela cidade acaba por me matar... A única salvação está em refugiar-me aqui, nestas paragens onde não chega o ar empastado dos grandes centros, das cidades malditas.

Pastor — É então o senhor veio para aqui assim tão doente?... Se ainda fôr no povo... A sua Joaquina sabe de moléstias... É como um doutor... Mas é lá em baixo, para além daquela cabeça.

Poeta — Não te preocupes... Isto são males que ninguém cura... O que me curava era não voltar à cidade, ficar aqui entre que a esta vida são, à pastorícia, eu, a terra, o rebanho e Deus!...

Sim, ser pastor como tu... Realizar estas curas, viver refugando estes ares benditos, comer o duro pão, desredentando-me naquele fiozinho de



